

TROPA DE ELITE : LITERATURA ,CINEMA E ESPAÇOS ESPECIAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

ANDRADE ,Regina
NAVARRO, Andrey¹

Resumo:

Neste paper discutimos qual dos dois produtos, livro ou filme permanecerão no imaginário do povo brasileiro. O filme é uma inspiração literária do livro Elite da Tropa (2005) em que propositadamente foram trocados os adjetivos. Para a adaptação literária tem-se que pensar na maneira das transformações ou transposições das palavras para as imagens. Tropa de Elite (2007) diz mais, revela que há espaços especiais na cidade do Rio de Janeiro de difíceis acesso e de fato impossíveis de serem percebidos a “olho nu”. Durante todo o tempo do filme a ação violenta nos faz esquecer do livro escrito sobre uma cidade tão encantadora como o Rio de Janeiro na qual ele foi baseado. Se um grupo de policiais foi treinado para a ação, como é o caso do BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais), o filme Tropa de Elite (2007), foi capaz de nos levar ao morro em que estão as Favelas cariocas e onde trabalham estes policiais. Esse acesso da câmera promoveu na sociedade confrontos e embates ideológicos diversificados. Uns chamaram a atenção para o clima de “guerra” vivido nas favelas e na cidade do Rio de Janeiro, outros destacaram a intrincada rede criminosa que comanda a sociedade, mas todos só foram possíveis porque a câmera pode chegar até lá.

Palavras-chave: Ética; Espaços especiais da cidade; Literatura e Cinema

Esse artigo é fruto de reflexões sobre a literatura, seus desdobramentos para o cinema e as adaptações literárias de filmes e sobre a cultura brasileira. Nossa experiência de estudos sobre o cinema nos possibilitou pensar que o filme se presta aos estudos mais diversos das ciências sociais e exatas. Por uma série de questões, a mais flagrante neste estudo foi a observação de que cada ato apresentado, cada cena do livro inspiração desdobra-se numa teia intrincada de relações sócio-culturais e sobretudo de imagens que provocaram outras percepções.

Estamos nos referindo ao filme *Tropa de Elite* (2007) dirigido por José Padilha inspirado no livro *Elite da Tropa* (2005) em que propositadamente foram trocados os adjetivos. Quanto ao filme um dos autores do livro, Rodrigo Pimentel (pós-graduado em Sociologia Urbana pela UERJ) foi o co-roteirista. Na verdade os três autores do livro são todos acadêmicos. Dois dos autores foram também ex-policiais do BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais) e envolvidos com as universidades da cidade do Rio de Janeiro, quer seja em sua formação, quer seja no seu trabalho. De qualquer forma todos três autores se apresentam na *orelha do livro* tendo vínculos com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ou seja, um livro de autores carioca, tema carioca e filme carioca. Com relação ao público, seu sucesso é nacional e internacional haja vista o Prêmio do Urso de Ouro do Festival de Cinema em Berlim em 2008. Este prêmio significa que o tema e a história do filme apesar de seu caráter particular tem um caráter universal.

¹ Regina Andrade é psicóloga professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Andrey Navarro é advogada, mestre em Direito e Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social.

Mas, uma pergunta logo se impõe, qual dos dois produtos, livro ou filme, permanecerá no imaginário do povo brasileiro? Será necessário um tempo de elaboração para que esta dúvida seja esclarecida. Enquanto isso, o cidadão comum é convocado e contagiado a participar desta suposta “guerra”. O filme conta às ações do Capitão Nascimento (Wagner Moura), sua participação no BOPE e suas ações não só de treinamento para participar desta força especial, como suas ações policiais nas comunidades de baixa renda, favelas da cidade do Rio de Janeiro, contra o crime e as ações de traficantes que por aí dominam o tráfico de drogas e de armas. Durante as projeções do filme, observou-se reação febril e apaixonada do público. Pelo menos na cidade do Rio de Janeiro onde o cotidiano da mídia é ilustrado pelas “invasões” das favelas, pela proliferação de ONG’s contra ou a favor das comunidades, pela guerra do tráfico de drogas as bilheterias foram esgotadas.

Cinema , literatura e cultura

O filme *Tropa de Elite* (2007) é uma adaptação literária do tipo “inspiração”. Grande maioria dos filmes da atualidade seguem este modelo, ou seja, a partir de um texto, romance, depoimentos auto biográficos, contos, produtos literários de maneira geral produz-se um filme. Neste procedimento temos que pensar na maneira em que ocorrem as transformações ou transposições das palavras para as imagens. Estes processos podem ocorrer simultaneamente ou um de cada vez são difíceis de serem identificados.

Como diz o cineasta Jorge Furtado sobre adaptação literária:

A literatura, que a todo o momento nos remete ao fluxo de consciência dos personagens, pode utilizar todas as palavras. Mas não necessariamente precisa utilizar todas as palavras, o que faz com que alguns textos sejam muito mais facilmente adaptáveis do que outros. (FURTADO , 2003)

Tropa de Elite (2007) é muito mais do que uma simples adaptação de um texto. Revela que há ação durante todo o tempo do filme e nos faz esquecer de um livro escrito no qual ele foi baseado. Se um grupo de policiais foi treinado para a ação como é o caso do BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais) e preparado para os eventos cotidianos das ocorrências policiais e *que até recentemente era um grupo pequeno e fechado, composto por 150 homens treinados para ser a melhor tropa de guerra urbana do mundo* (SOARES, 2007, p. 7), a ação deste grupo vai parecer mais realidade do que ficção.

O BOPE foi criado em 1978, denominado desta forma em 1991 após ganhar força a idéia de que a polícia militar necessitava de um grupo especial para atuar em situações de crise (sobretudo depois de 1974, quando o diretor de um presídio rebelado foi morto após a invasão do prédio pela polícia [www.policiamilitar.rj.gov.br/bope]). As suas missões são o combate ao crime organizado, a captura de delinquentes fortemente armados, o resgate de reféns e a contenção de rebeliões, entre outras operações de alto risco.

Para que este grupo seja eficaz os policiais recebem uma formação diferenciada, voltada para operações de guerra urbana, que inclui um processo severo de seleção e de treinamento, estes procedimentos são relatados no livro e mostrado na tela. Há, porém

uma diferença importante porque no livro, o BOPE é considerado uma tropa de elite que se distingue dos demais integrantes da corporação policial militar e da polícia civil em razão de sua alta qualificação técnica e de sua resistência à corrupção, no período em que esse grupo congregava no máximo 150 homens. Em 2007 quando foi filmada a realidade já era diferente. Mas, mesmo assim, o orgulho profissional e pessoal de pertencer a um grupo de elite funciona como um elemento inibidor da corrupção, apresentada como um problema generalizado na polícia convencional.

A tropa de elite relatada no livro lida com elementos ficcionais e depoimentos ditos verdadeiros. Mas como observa Umberto Eco:

Na ficção, as referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas, que depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito bem onde está. O mais comum é o leitor projetar o modelo ficcional na realidade – em outras palavras, o leitor passa a acreditar na existência real de personagens e acontecimentos ficcionais. (ECO, 1994, p. 131).

E assim se dá, com o personagem do filme é onipresente no livro, o Capitão Nascimento (Wagner Moura), que também é o narrador no filme e personagem principal de sua própria história de vida. Então de onde sai o Capitão Nascimento? da ficção? da realidade de um depoimento? para onde vai? para as imagens de um documentário? O que importa é que não só o livro como o filme são produzidos com suas marcas culturais e cotidianas da realidade da cidade do Rio de Janeiro durante este novo milênio.

Considerar o Capitão Nascimento ou o BOPE como produtos culturais brasileiros necessita de uma argumentação mais forte. Assim é que concordamos com a observação de Homi Bhabha², pesquisador indiano radicado nos Estados Unidos da necessidade de um outro conceito intermediário que analise a política cultural considerando a *diferença* e o autor nos diz que:

A narrativa e a *política cultural da diferença*³ tornam-se o vínculo fechado da interpretação. O Outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional. (BHABHA, 2007, p. 59)

De certa forma o autor diz que a *política cultural da diferença* necessita ser avaliada com cuidado, pois corre o risco de ser enclausurada em interpretações ligeiras. Esse risco existe a partir do aprisionamento do Outro (uma alusão ao conceito lacaniano de cultura) pois ele pode permanecer como conceito rígido, aprisionado, num local determinado para a cultura e sem as especificidades que estão presentes em cada momento histórico. *Tropa de Elite* (2007), não corre este risco porque atua em três registros da *política cultural da diferença*, na literatura, no cinema e na cultura isto quer dizer que seus discursos e seus significantes atuam nos três registros: Imaginário, Simbólico e Real.

² O autor ensina Teoria da Cultura e Teoria da Literatura na Universidade de Chicago. É também professor visitante de Ciências Humanas no University College, de Londres. Homi Bhabha tem publicado inúmeros textos sobre pós modernidade, pós colonialismo e identidade cultural.

³ Destaque proposto pelos autores do texto.

Sob o ponto de vista da literatura, o livro *Elite da tropa* (2005) é escrito como depoimento dois anos antes de ter sido filmado, o que dá mais veracidade do que ficção ao texto. Como filme atua no mesmo sentido, tem perfil de documentário, em que o *real* se presentifica a todo o momento. Estamos nos referindo ao *real* aqui abordado que no sentido lacaniano tal como é descrito no Seminário VII, anos 1959/1960, *A Ética da Psicanálise*, diz respeito a ética no Real, no vazio, cujo registro é o *indizível, inalcançável, sem elaboração, a morte*.

Processos de adaptação e Cinema literário.

Uma questão importante nos filmes de adaptação literária cujo gênero é conhecido como cinema literário, recai sobre as imagens. Há muito tempo que o filme é associado ao sonho: desde que os primeiros pesquisadores começaram as reflexões teóricas sobre o filme. No livro ontológico *Psicanálise e Cinema* (1975) o artigo de Felix Guatari *O Divã do pobre*, já trata desta analogia entre cinema e inconsciente. Para Sigmund Freud (1856-1937) o criador da Psicanálise, a *via-régia* mais importante para alcançarmos o inconsciente é o sonho. Muitas vezes se confundiu sonho com inconsciente. Freud observa duas operações fundamentais no sonho, a primeira é a produção dos pensamentos oníricos e a segunda o trabalho do sonho, cujo efeito é a deformação, possível somente através da presença de quatro mecanismos: *condensação, deslocamento, representabilidade da imagem* e a *elaboração secundária*.

De fato o sonho é um processo que só existe quando há imagens: o filme também. No sonho a transformação da palavra é completa porque esta funciona como resto diurno, fornecendo material para a formação das imagens e havendo a volta à forma de palavra já modificada para ser construído o sonho manifesto. Esse mecanismo de *representabilidade* da imagem é o responsável pelas deformações que ocorrem no produto final, que é o sonho narrado.

Mas qual seria a função desse mecanismo que prima pela *transformação*?

Para Freud este processo de representabilidade *facilita a representação e assim alivia a pressão psicológica causada pelo pensamento constringido*. Alívio este que é o mesmo desempenhado pelos chistes, pelas citações, canções, ou provérbios *presentes na vida mental de pessoas educadas*. E mais ainda, esse fator de deformação dos pensamentos oníricos, necessário para a *representabilidade* da imagem pode também ser observado nos processos de adaptação presente em dois fenômenos:

- ***Transformações***

- ***Transposições de linguagem***

Nas *transformações* do texto escrito para o texto das imagens, os elementos de diferença, para ser discutido aqui, são: tempo e espaço. As diferenças principais do tempo e do espaço fazem com que haja uma perpetuidade na palavra que faz com que o livro permaneça por muito mais tempo do que a imagem. Esta diferença é sensível para o leitor e para o espectador. Um romance pode ter vários volumes e ser publicado aos poucos, como por exemplo, *Guerra e Paz* de Tolstoi e, no plano nacional, *O Tempo e o Vento*, do escritor gaúcho Érico Veríssimo, em três volumes. O leitor pode aguardar pacientemente as seqüências ou as traduções de seus escritores prediletos. O tempo de

leitura pode ser controlado pelo leitor, ao passo que a projeção do filme tem tempo limitado, necessita de equipamento específico para ser projetado e visto.

Elite da Tropa (2005), o romance, é um exemplo dessa flexibilidade do tempo tanto que a pirataria, fenômeno que ocorreu no filme *Tropa de Elite* (2007) criou um outro tempo que se antecipou ao lançamento oficial do filme. Cabe salientar que, na versão pirata, o filme original se desdobrou em três seqüências derivadas do filme original. Então, há o filme original comercializado, projetado, dirigido por José Padilha, há o segundo filme *O 2* que é o documentário *Notícias de Uma Guerra Particular*, (1999) do diretor João Moreira Salles e um terceiro e quarto DVD's respectivamente, *Dia a Dia de um Policial* que é um vídeo feito por um policial militar sobre o seu dia a dia "combatendo" a criminalidade, e o filme o *Ônibus 174* (2002) também do diretor José Padilha. A criatividade popular germinou as seqüências da história básica sem autorização, sem direitos autorais entregue apenas a clandestinidade da pirataria.

Com relação ao *espaço*, o livro é portátil, pode ser levado para qualquer lugar. Também pode ser escrito com qualquer número de páginas em qualquer formato, haja vista os *pocket books* e os *áudio books*.

Já o espaço no filme seu espaço é diferente, exige local específico, horário pré determinado, maquinário especializado. Seguramente o espaço interfere sobre o sujeito-cineasta na *recriação textual* e no *processo criativo*. Estas diferenças de tempo e de espaço entre literatura e filme levam-nos à verificação das *transformações* que ocorrem com a palavra escrita e com as imagens. Talvez sejam o *tempo* e o *espaço* as grandes diferenças entre a palavra e a imagem.

Apesar de Freud ter identificado que os processos inconscientes são a-temporais (*O Inconsciente*, 1915), ele não considerou as condições da manifestação do imaginário e nem a formação de cada um deles em relação ao espaço. Tanto é que, os dois registros aparecem sempre juntos, tempo e espaço ou espaço e tempo. A propósito o psicanalista Le Poulichet assinala que:

Cada operação própria de um processo inconsciente (deslocamento, projeção, formação de seqüências, transferências, etc.) tem apenas, de fato, uma consistência temporal e não espacial: é um modo de tempo ou uma operação de transformação e de passagem (LE POULICHET, 1996, p. 44).

Se o romance não necessita obedecer ao tempo – apesar de ser uma produção datada - seu conteúdo favorece ao imaginário do leitor porque ele vai despertar fantasias e restos de conteúdos psíquicos a-temporais. Já o filme, nunca é pouco repetir e insistir o tempo é limitado não só para a produção como para a projeção, e o espaço também, embora o fascínio da imagem, do movimento, das cores, dos sons e dos efeitos especiais provoquem imagens a-temporais no inconsciente.

Em relação ao segundo fenômeno que são as *transposições de linguagem* nada pode ocorrer nos processos de adaptação se a gramática e a retórica, não forem transportadas de um produto para o outro. São estas *transposições* que fazem com que outro produto artístico seja criado, que libera a criatividade do cineasta, no caso, para que seu filme possa ser em muitos casos, completamente diferente do livro.

Esta tarefa não é de responsabilidade apenas do diretor do filme do *metteur en scene* mas de todos que estão envolvidos com o filme fruto de adaptações. Nesta tarefa todos, atores, diretor, montadores, responsáveis pela trilha sonora, figurinista e todos envolvidos, até o público, enfrentam o que Edgar Morin chamou de a *magia do cinema*.

Porque ocorrem as transposições entre o texto escrito que pode ser simplesmente o roteiro do filme ou mesmo um romance é que um filme pode ser entendido por outras culturas ou pode ser reconhecido como merecedor de um Premio internacional como é o caso de *Tropa de Elite* (2007).

Quando ocorre a metamorfose do personagem André Matias (André Ramiro), personagem negro, pessoa simples, contida, correta, estudante de Direito, policial do BOPE, para um policial frio capaz de matar por vingança, é necessário uma mudança de paradigmas, de ponto de vista ético. Parece que em nosso senso comum há certezas no mundo, nas quais podemos nos apoiar mas também parece que as vezes é necessário uma completa *transposição* na linguagem ou na compreensão de fatos, eventos ou acontecimentos até então vigentes.

Repercussões da obra / filme

Observa-se literalmente que a sociedade brasileira foi mobilizada pelo filme *Tropa de Elite* (2007) do diretor José Padilha, baseado no livro *Elite da Tropa* (2005) dos autores Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel.

Em uma sociedade estruturada percebemos que somos todos responsáveis pelo que fazemos, que somos responsáveis por aqueles com os quais convivemos, e, como dizia o filósofo Emmanuel Lévinas, somos responsáveis por um terceiro, seja ele quem for :

Ser para o outro significa a responsabilidade ética por ele, que permite ao eu superar o rumor anônimo e insignificativo do ser, desenvolve-se uma reflexão sobre a tentativa de sair da condição do haver impessoal, avançando na própria constituição da condição humana - não mais um ser para a morte, mas um ser para o Outro. (LÉVINAS, 1988, p. 48-49)

Tropa de Elite (2007), o filme, foi capaz de promover na sociedade civil confrontos e embates ideológicos diversificados. Uns chamaram a atenção para o clima de guerra vivido nas favelas e na cidade do Rio de Janeiro, outros destacaram a intrincada rede criminosa que comanda a sociedade. Alguns reclamaram da truculência policial, a ponto de chamar a obra / filme de reacionária, panfletário, pró tortura, pró maus-tratos policiais e até chamá-lo de *facista* o que o diretor José Padilha é radicalmente contrário. Outros o defenderam, o elevaram a categoria de arte, e outros horrorizados com o envolvimento civil de nossas responsabilidades, começaram a pensar em que medida eles próprios são (somos) coniventes por esta complexa rede criminosa e com as ações policiais.

Um dos méritos de *Tropa de Elite* (2007) consiste justamente em nos proporcionar uma série de indagações todas lícitas e mobilizantes. Por exemplo, questões éticas tais quais, as ações policiais do BOPE estão erradas? um policial pode ser corrompido? e o “jeitinho” pode estar em ambos os lados? como conviver na sociedade com a prática lesiva diária? podemos entregar nossa fragilidade e nossa vulnerabilidade a sujeitos igualmente frágeis? o que nos diferencia de um policial frente a violência?

Somos então, mais uma vez convidados a refletir porque pertencemos ao mesmo contexto cultural, nacional, quiçá mundial. Há uma questão mobilizante que nos coloca diante da possibilidade de escolhas. Será a sociedade fruto de transgressões que nos obrigam a tomar partido do lado de traficantes ou do lado de policiais ? Diante do conhecimento da verdade revelada, de uma polícia treinada com esquemas de segurança e a violências de transgressores daremos ‘carta branca’ a esta polícia? Se por um lado a existência do BOPE na cidade do Rio de Janeiro traz ao cidadão a sensação de uma polícia incorruptível comprometida com a honra de sua farda, por outro, o próprio símbolo da *caveira* que marca o BOPE nos coloca no vazio da morte e das contradições da ética .

O que é curioso é que o BOPE representa *nossos heróis*, heróis brasileiros, são treinados para nos protegerem, vestidos de preto, fortes e decididos estão comprometidos com a honra da corporação, e conosco, população indefesa. Muitas vezes enfrentam a nossa indiferença diante da violência, dos usuários de drogas e do poder armado de traficantes de drogas mantidos por nossa sociedade, melhor dito, mantido por nós que nada fazemos para mudar esta situação. Nesse sentido o filme é uma denúncia e um *presente* para nossa percepção, e para nossa sensação de ilusão de proteção.

Finalmente o pensamento de Thomas Hobbes (1588-1679) está presente. O homem embora vivendo em sociedade, não possui o instinto natural de sociabilidade. Cada homem sempre encara seu semelhante como um competidor que precisa ser dominado *o homem é o lobo do próprio homem* e é este princípio que faz com que Freud aborde este tema em *Mal estar da Civilização* (1930) :

O seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. — *Homo homini lupus*. Quem, em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção? (FREUD, 1930, p. 67)

A *consciência social* tão inscrita no filme e tão escrita no texto do livro, perdeu sua condição de *álibi*, depois do filme *Tropa de Elite* (2007), essa consciência se metaforizou em tantas outras compreensões em tantas outras posições éticas. O sujeito envolvido na questão da violência é obrigado a experimentar sua fragilidade em face ao **Outro**⁴, fica sem **Álibi**, sem proteção, aquela que julgávamos, ilusoriamente, que a sociedade poderia nos oferecer.

BIBLIOGRAFIA

BHABHA, H.K. *O local da cultura*. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Companhia de Letras, São Paulo, 1994.

⁴ Outro , conceito lacaniano que envolve relações do sujeito com a cultura.

- FREUD, S. *Obras Completas*, trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Especialmente: 1900 - A Interpretação dos Sonhos, v. 4 e 5; 1907 - Delírios e sonhos na Gradiva, de Jensen, v.9; 1908 - Escritores criativos e devaneios, v. 9; 1930 – Mal estar na civilização, v. 21.
- FURTADO, J. *A adaptação literária para cinema e televisão*. Palestra na 10ª Jornada Nacional de Literatura, Passo Fundo/Rio Grande do Sul. 2003.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro VII, A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LE POULICHET, S. *O Tempo na Psicanálise*, trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LÉVINAS, E. *Ética e Infinito*, Lisboa, Edições 70, 1988; p. 48-49
- METZ, C. org. *Psicanálise e Cinema*. Global Editora, São Paulo, 1974.
- SOARES, L.E, PIMENTEL, R, BATISTA, A. *Elite da Tropa*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Objetiva. 2006

HEMEROGRAFIA

RESUMO de ELITE DA TROPA

Elite da Tropa. O livro é dividido em duas partes e um epílogo. A primeira parte é o “diário de guerra” sendo inteiramente narrado por um oficial do BOPE, e serviu como inspiração para o filme. O narrador não tem nome. (No filme recebe o nome de Capitão Nascimento). O “diário de guerra” consiste em vinte e duas pequenas histórias ocorridas durante um ano. A primeira edição foi em 2005, e a segunda, já de capa nova, com atores do filme em 2007. A segunda parte do livro intitulada “Dois anos depois a cidade beija a lona” é narrada pelos autores do livro. Baseado em acontecimentos reais, o livro retrata o cotidiano do [Batalhão de Operações Policiais Especiais](#) (BOPE), considerado a elite da [Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro](#). O livro apresenta o [BOPE](#) como um esquadrão incorruptível e extremamente violento. O enredo revela suposto plano para matar [Leonel Brizola](#), então governador do [Rio de Janeiro](#).

SINOPSE de TROPA DE ELITE

Tropa de Elite é um [filme brasileiro](#) de 2007, dirigido por [José Padilha](#), que tem como tema o [Batalhão de Operações Policiais Especiais](#) (BOPE) da [Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro](#).

Ao criticar duramente os usuários de substâncias ilícitas, atribuindo-lhes culpa pela expansão do [tráfico de drogas](#) e da violência, o filme gerou grande debate na mídia brasileira. As práticas de [tortura](#) por parte dos policiais também foram abordadas,

gerando questionamentos acerca do fato de os personagens estarem sendo considerados heróis por suas atitudes frente aos bandidos

FILMOGRAFIA

Titulo Original : Tropa de Elite

Ano : Brasil 2007.

Distribuidora : Universal Pictures do Brasil.

Direção : José Padilha.

Roteiro: Rodrigo Pimentel, Bráulio Montovani, e José Padilha.

Produção : José Padilha e Marcos Prado.

Atores: Wagner Moura, Caio Junqueira, André Ramiro, Fernanda Machado.